



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

EDILENE SALES OLIVEIRA

**O ENSINO REMOTO NA DISCIPLINA HISTÓRIA: DESAFIOS ENTRE O ENSINO
TRADICIONAL E O USO DAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS**

Santo Antônio de Jesus

2021

EDILENE SALES OLIVEIRA

**O ENSINO REMOTO NA DISCIPLINA HISTÓRIA: DESAFIOS ENTRE O ENSINO
TRADICIONAL E O USO DAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS**

Artigo apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Departamento de Ciências Humanas - Campus V, como requisito para obtenção do grau de Graduada em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aline Daiane Nunes Mascarenhas

Santo Antônio de Jesus

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDILENE SALES OLIVEIRA

O ENSINO REMOTO NA DISCIPLINA HISTÓRIA: DESAFIOS ENTRE O ENSINO TRADICIONAL E O USO DAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS

Artigo apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Departamento de Ciências Humanas - Campus V, como requisito para obtenção do grau de Graduada em História.

Aprovado em: 07//07/2021

Banca examinadora:



Profª Drª Aline Daiane Nunes Mascarenhas (*Campus V-UNEB*) (Orientadora)



Profº Drº João Evangelista do Nascimento Neto (*Campus V-UNEB*) (Membro interno)



Profª Drª Alaize dos Santos Conceição (*Campus V-UNEB*) (Membro interno)

Santo Antônio de Jesus

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

O48e

Oliveira, Edilene Sales

O ensino remoto na disciplina história: desafios entre o ensino tradicional e o uso das ferramentas tecnológica / Edilene Sales Oliveira . – Santo Antônio de Jesus, 2021.

29 fls.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Aline Daiane Nunes Mascarenhas

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*. Colegiado de História. Santo Antônio de Jesus,
2021.

Inclui Referências.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS	8
3	O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO	9
4	POSSIBILIDADES E LIMITES DO ENSINO NA MODALIDADE REMOTA: DA TEORIA À PRÁTICA	14
4.1	EXPERIÊNCIAS DO ENSINO REMOTO NA DISCIPLINA HISTÓRIA: O IDEAL X O REAL	15
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	24

O ENSINO REMOTO NA DISCIPLINA HISTÓRIA: DESAFIOS ENTRE O ENSINO TRADICIONAL E O USO DAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS

Edilene Sales Oliveira¹

Aline Daiane Nunes Mascarenhas²

RESUMO: O presente trabalho buscou refletir acerca das experiências de professores de História na modalidade de ensino remoto, por isso, se fez necessário realizar uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, para saber quais são os principais desafios que professores e alunos têm enfrentando para efetivar o processo de ensino-aprendizagem e isso foi feito através de um questionário online na ferramenta do Google (Google formulários). Para fundamentar este trabalho foi utilizado autores, tais como: Mascarenhas e Franco (2020), Costa (2020), SEDUC (2020) SENSO (2017), Pretto (2020), Campanha nacional pelo direito à educação (2020;2021), Freire (2002; 2020) e Santos (2017). Os resultados obtidos através dessa pesquisa foram que, os principais desafios tanto para alunos quanto para professores é saber manusear as ferramentas tecnológicas, no caso dos alunos muitos foram excluídos do processo de acesso à educação por não ter acesso à internet e celulares e isso é algo que urge ser resolvido para que mais crianças não sejam penalizadas, visto que, os dados dessa pesquisa mostram que, infelizmente, a evasão escolar nesse momento pandêmico perfaz uma triste realidade.

Palavras-chave: Ensino remoto; História; Ferramentas tecnológicas; Evasão escolar.

ABSTRACT: The present work sought to reflect on the experiences of History teachers in the remote teaching modality, therefore, it was necessary to carry out a qualitative field research, to know what are the main challenges that teachers and students are facing to carry out the process of teaching-learning and this was done through an online questionnaire in the Google tool (Google forms). To found this work authors were used, such as: Mascarenhas and Franco (2020), Costa (2020), SEDUC (2020) SENSO (2017), Pretto (2020), National Campaign for the Right to Education (2020; 2021), Freire (2002; 2020) and Santos (2017). The results obtained through this research were that the main challenges for both students and teachers is knowing how to handle the technological tools, in the case of students they were excluded from the process of accessing education because they do not have access to the internet and cell phones and this is something that it is urgent to be resolved so that more children are not penalized, since the data from this research show that, unfortunately, school dropout at this pandemic moment is a sad reality.

Keywords: Remote teaching; History; Technological Ferments; School dropout.

¹ Discente do curso de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V.

² Doutora em Educação (UFBA). Docente Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da pandemia de COVID-19 no Brasil, as discussões sobre o ensino remoto tem ocupado a cena e recebido maior destaque na área da educação, uma vez que a legislação vigente no país reconhecia apenas o ensino presencial no âmbito da educação básica. Assim, as aulas remotas no contexto brasileiro foram instituídas em 3 de abril de 2020, o MEC publicou a Portaria n.º 376 que dispõe sobre as aulas nos cursos de educação profissional técnica de nível médio enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19, a partir disso, a Secretaria Estadual da Educação homologou a deliberação aprovada pelo Conselho Estadual que permite que atividades realizadas por meio de EAD (ensino à distância) aos alunos do ensino fundamental e médio, durante o período de suspensão das aulas, possam ser computadas como dias letivos.

O ensino remoto pode ser entendido como atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas que se orientam pelos princípios da educação presencial. Aulas remotas oferecem a continuidade da escolarização por meio de recursos tecnológicos, só que a distância. No entanto, com as especificidades do ensino remoto, a maioria das instituições de ensino, estão organizando apostilas e blocos de atividades para que os alunos que não possuem acesso à internet não fiquem de fora do processo de ensino-aprendizagem, pois, com as novas demandas é necessário adequar para contemplar senão todos, o máximo possível de alunos e os alunos que têm acesso à internet também recebem os materiais impressos, tendo em vista que, o ensino remoto se subdivide em aulas síncronas (online) e aulas assíncronas (atividades para casa).

Por isso, aula remota e educação a distância são a tendência do momento para dar continuidade ao ano letivo em meio às restrições impostas pela pandemia de COVID-19. Com a suspensão das aulas presenciais, o Ministério da Educação, em caráter excepcional, divulgou e tem prorrogado a portaria n.º 343, de 17 de março de 2020 que autorizou a retomada das disciplinas em andamento por meio de aulas on-line e atividades remotas. Inicialmente foi publicado com portaria, mas em seguida houve a publicação do parecer CNE/CP n.º 05/2020, esse que regulamentou como deveriam acontecer as aulas enquanto durar a pandemia, por isso, de acordo com Brasil (2020, p.12) as aulas remotas para estudantes do ensino Fundamental II devem seguir os seguintes princípios,

[...] elaboração de sequências didáticas construídas em consonância com as habilidades e competências preconizadas por cada área de conhecimento na BNCC; utilização, quando possível, de horários de TV aberta com programas educativos para adolescentes e jovens; distribuição de vídeos educativos, de curta duração, por meio de plataformas digitais, mas sem a necessidade de conexão simultânea, seguidos de atividades a serem realizadas com a supervisão dos pais; realização de atividades on-line síncronas de acordo com a disponibilidade tecnológica; oferta de atividades on-line assíncronas de acordo com a disponibilidade tecnológica; estudos dirigidos, pesquisas, projetos, entrevistas, experiências, simulações e outros; realização de testes on-line ou por meio de material impresso, entregues ao final do período de suspensão das aulas; e utilização de mídias sociais de longo alcance (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.) para estimular e orientar os estudos, desde que observadas as idades mínimas para o uso de cada uma dessas redes sociais.

Contudo, essa perspectiva de ensino carrega consigo considerações que necessitam serem refletidas no contexto escolar dos discentes, no Brasil. Visto que, segundo Cetic (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 2018a) o acesso à internet no Brasil tem hoje situação em que 67% dos domicílios possuem acesso à rede, sendo esse percentual muito diferente entre classes sociais: 99% para aqueles da classe A, 94% na B, 76% na C e 40% na classe D. Para os domicílios que não têm atualmente acesso à internet, o motivo mais apontado como o principal pelo não acesso é o alto custo (27%), seguido do fato de os moradores não saberem usar a internet (18%).

Dados como esses indicam o abismo social e as desigualdades sociais presentes no país, além de evidenciar a necessidade de se flexibilizar a disponibilização de internet às comunidades mais vulneráveis, enquanto a situação de distanciamento social se fizer necessária, para tentar elevar o acesso de estudantes à rede e buscar reduzir potenciais efeitos na desigualdade educacional. No entanto, apesar dos de diferentes narrativas (mídia, sociedade e grupos financista) apontarem para a facilidade em torno do ensino remoto, ainda existe um imenso fosso entre os discentes que conseguem utilizar as (TICS) como mediação no processo de ensino.

Essa realidade de uma nova configuração de ensino acarretou mudanças não apenas aos discentes, mas colocou em cena os professores que necessitaram de maneira emergencial readaptar o seu planejamento e seu tempo de serviço que antes da pandemia, já extrapolava as 20 horas ou 40 horas de aulas, nesse momento pandêmico a situação se acirra, visto que, além de preparar as aulas, tem-se que

gravar aulas, editá-las e ainda aprender a manusear os recursos disponíveis para a ministração da aula.

Em vista disso, muitos professores sentiram-se desamparados por não terem o hábito de manusear computadores, salas virtuais e afins, essa situação não foi diferente para com os alunos que não possuem ao menos acesso à internet, sendo assim, apesar de ser necessária adoção de aulas remotas em virtude do isolamento social, decorrente da pandemia da COVID-19, inúmeros impasses foram e ainda são encontrados. Por isso, para Santos (2020, p. 21) “a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam”.

Destarte, frente à impossibilidade de realização de aulas presenciais, as instituições de educação que atendem aos diferentes níveis de ensino (Básico ou Superior) se viram diante de um impasse: suspender as atividades ou mantê-las, na medida do possível, remotamente? Desde então, as perguntas que há tempos inquietam docentes e discentes acerca do ensino remoto passaram a fazer parte das conversas e das reflexões de professores e estudantes que antes tinham como única experiência de educação formal a modalidade presencial.

Tendo em vista que, o estudo histórico desempenha um papel importante, na medida em que contempla pesquisa e reflexão da relação construída socialmente e da relação estabelecida entre indivíduo, grupo e o mundo social. Nesse sentido, o ensino de História poderá fazer escolha pedagógica capaz de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial. Diante disso: Como o ensino da disciplina História pode continuar favorecendo a ampliação de conhecimentos históricos, humanos e sociais a partir desse modelo de ensino remoto? Qual (is) desafios se impõe ao docente de História nesse contexto do ensino remoto?

Sendo assim, para responder as perguntas de pesquisa elegemos como **objetivo geral: discutir sobre o ensino da disciplina de História na modalidade de ensino remoto**. Como objetivos específicos, escolhemos: **Problematizar elementos que constituem o ensino tradicional e o ensino numa perspectiva crítica emancipadora; Analisar proposições teórico-metodológicas para o ensino de História no contexto de ensino remoto; Refletir sobre os desafios presentes no contexto do ensino remoto; e Identificar os elementos**

fundamentais para o planejamento e execução das aulas de História através da nova realidade de ensino remoto.

Assim, justifica-se o estudo pretendido, pois, além de resultar em um serviço à sociedade, proporcionará uma abertura para novos meios de investigação em um campo repleto de questões relevantes a serem abordadas, visto que, apesar de serem recorrentes os debates, propagandas televisivas, campanhas do governo, referentes a ensino remoto, muitas questões precisam ser desveladas.

Essa pesquisa será pautada na abordagem qualitativa, utilizando como coleta de dados um questionário direcionado a professores que lecionam a disciplina de História. O questionário contém 18 questões fechadas e 02 questões abertas, devido ao contexto pandêmico, a coleta de dados será realizado via plataforma do Google (Google Formulários) com a finalidade de buscar informações sobre a atuação profissional de professores no Ensino Fundamental II na disciplina História e quais são as dificuldades encontradas por eles. O questionário foi direcionado a dezesseis professores(as) da disciplina História, das escolas X, Y e Z, da rede pública de ensino, no Ensino Fundamental II.

Com o intuito sustentar teoricamente os dados encontrados nessa pesquisa, trarei com base teórica os seguintes autores: Mascarenhas e Franco (2020), Costa (2020), Seduc (2020) Senso (2017), IBGE (2018), Pretto;Bonilla;Paula (2020), Freire (2002; 2020), Santos (2017), Franco (2016) entre outros.

Esse artigo está estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo discutiremos sobre a importância da disciplina história para o desenvolvimento do pensamento crítico, por isso, refletimos como tem se dado as mediações das aulas de história no contexto pandêmico, para tanto os autores: IBGE(2018); Franco (2016); Mascarenhas e Franco (2020) foram trazidos a discussão afim de fundamentar as ideias propostas. Já no segundo capítulo, fizemos uma breve análise a respeito das dificuldades que professores e alunos enfrentam para conseguir atender as demandas que o ensino remoto impõe, nesse sentido, se fez necessário a criação de um subtópico que possibilitou adentramos na análise dos dados coletados a respeito de como tem se efetivado o ensino remoto, assim foi possível perceber e entender os desafios que os professores de História tem enfrentado e por fim, trouxemos a considerações finais, abarcando as descobertas da pesquisa, seus limites e possibilidades.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa foi pautada na abordagem qualitativa, utilizando como instrumento para a coleta de dados um questionário direcionado a professores(as) que lecionam a disciplina História. O questionário contém 18 questões fechadas e 02 abertas, devido ao contexto pandêmico a coleta de dados se deu via plataforma do Google (Google Formulários) com a finalidade de buscar informações sobre a atuação profissional de professores no Ensino Fundamental II na disciplina História e quais são as dificuldades encontradas por eles(as).

O questionário foi aplicado no período de 08 a 17 de Junho de 2021 através de um convite por e-mail, deste modo, o quantitativo final de participantes somou-se 16 professores(as) da rede pública e privada de ensino. É válido salientar que 74,9% foram profissionais da rede pública de ensino, enquanto que, 6,3% atuam na rede privada e 18,8% atuam em ambas instituições.

No que se refere a carga horaria dos entrevistados(as), 56% cumprem 40 horas semanais, 31,4% trabalham 20 horas, por outro lado, 6,3% atuam 46 horas e o mesmo quantitativo de 6,3% exercem 60 horas semanais.

Há várias técnicas que podem ser utilizadas durante a pesquisa qualitativa, uma delas é a entrevista, a qual é “uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objetivo de extrair determinada informação do entrevistado.” (Moser e Kalton:1971, p.271).

Os participantes da pesquisa foram docentes formandos em História e que lecionam na rede pública e privada de ensino. Estes são profissionais que atuam em escolas do recôncavo baiano que são elas: Dom Macedo Costa, Santo Antônio de Jesus e Governador Mangabeira.

A pesquisa de campo de cunho qualitativa é imprescindível, pois:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais

elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Por isso,

a, diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2003, p. 22).

Desta forma, o que se enseja nessa pesquisa é justamente saber de perto quais os desafios e como está a qualidade do ensino tanto para aluno quanto para professores, por isso, buscamos refletir sobre a qualidade do ensino-aprendizagem nesse momento de ensino remoto na disciplina História.

3 O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

A história é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. Ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais. Nesse sentido, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo. A história é feita por homens, mulheres, crianças, ricos e pobres; por governantes e governados, por dominantes e dominados, pela guerra e pela paz, por intelectuais e principalmente pelas pessoas comuns, desde os tempos mais remotos. A história está presente no cotidiano e serve de alerta à condição humana de agente transformador do mundo. Conforme Catão (1995, p.23),

[...] a garantia da humanização histórica, que não se verifica senão na comunidade, pois na história o ser humano não se pode realizar sozinho, mas só se realiza como membro da comunidade, trazendo para a comunidade, especialmente para os mais jovens, as gerações futuras, a contribuição de sua própria humanização.

Ao estudar a história nos deparamos com o que os homens foram e fizeram, e isso nos ajuda a compreender o que podemos ser e fazer. Assim, a história é a ciência do passado e do presente, mas o estudo do passado e a compreensão do presente

não acontecem de uma forma perfeita, pois, não temos o poder de voltar ao passado e ele não se repete. Por isso, o passado tem que ser “recriado”, levando em consideração as mudanças ocorridas no tempo. As informações recolhidas no passado não servirão ao presente se não forem recriadas, questionadas, compreendidas e interpretadas. Por isso, ela não se resume à simples repetição dos conhecimentos acumulados. Ela deve servir como instrumento de conscientização dos homens para a tarefa de construir um mundo melhor e uma sociedade mais justa.

A palavra "História" é de origem grega e significa investigação. Seu surgimento provem da necessidade do homem de explicar sua origem, sua vida. Assim, como exemplo desta necessidade, pode-se citar os mitos que, nas sociedades primitivas, era passado de geração para geração sem ter sua autenticidade questionada. Esses mitos geralmente apresentam a ideia da existência de Deuses que eram superiores aos homens, portanto, os seres humanos estavam suscetíveis aos seus desígnios. A compreensão que se tem hoje sobre o que é história e qual a sua função na sociedade é bastante diferente daquela entendida pela historiografia tradicional, embora alguns traços desta história tradicional ainda possam ser percebidos na sociedade.

A História deve ser compreendida como Disciplina/ciência, visto que, é considerada disciplina no currículo escolar e ciência no sentido de representar o ramo das ciências sociais, essas que são realizadas pela sociedade, por isso, Demo (2009, p.37) afirma que “[...] Ligamos dialética a historicidade da realidade social, o que implica compreendê-la como metodologia própria das ciências sociais”. É necessária a consciência de que todos são sujeitos históricos, e por meio da história o sujeito compreende as condições sociais em que vive. É por meio da história que a sociedade adquire capacidades de entender a si mesma, ela nos apresenta um campo de possibilidades e não de certezas, assim a História busca compreender as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas, suas mudanças e permanências, e para isso se utiliza da dimensão temporal, ou seja, a história é o estudo das ações humanas no tempo.

Neste sentido pode-se dizer que o ensino de História se faz imprescindível a medida que é através desta disciplina que o aluno adquire capacidades e potencialidades que lhe permitirão assumir uma postura mais autônoma e crítica frente as realidades sociais que lhe permeiam, não que as demais disciplinas do currículo escolar não exerçam também papel importantíssimo, ocorre que é por meio do ensino de história que o aluno conhece os percursos e mecanismos que construíram as

relações sociais e o mundo tal qual o conhecemos hoje, ou seja, a disciplina de história sozinha não forma cidadãos críticos, porém, ela é determinante na construção da leitura de mundo deste aluno.

Em vista disso, como os professores da disciplina História conseguirão possibilitar reflexões e desenvolvimento do sendo crítico através de aulas remotas? Pois, se sabe que o ensino remoto deu-se de maneira emergencial encontrada para contornar a falta de aulas em escolas e universidades durante a pandemia. Ainda que seja uma solução pensada para aproximar alunos e professores, o uso de plataformas virtuais e atividades escolares a distância coloca luz sobre a desigualdade de acesso a tecnologias de comunicação e informação – e pode aprofundar o abismo social da educação no Brasil.

Visto que, nem todos os alunos possuem acesso à internet, muitos deles nem possuem aparelhos celulares, assim, se não há acesso para todos, conseqüentemente, não se tem aprendizagem e isso só acirra questões da falta de investimento na área da educação, que por muito tempo foram mascaradas por fontes do governo e até mesmo pela mídia, pois, de acordo com o site Campanha Nacional Pelo Direito À Educação (2021, np):

A falta de investimentos em infraestrutura escolar é um problema estrutural no Brasil; anterior, portanto, à Covid-19. O susto de governadores e prefeitos com os impactos da pandemia na educação é, nesse sentido, compreensível: de uma hora para a outra, eles se viram obrigados a lidar com todas as pressões conjunturais da pandemia e, ao mesmo tempo, a trabalhar para reverter décadas de abandono das escolas públicas. Não fizeram nada disso, e ainda fingiram surpresa quando as pessoas se negaram a retornar sem alguma garantia.

Sendo assim, se nota que as complexidades que envolvem o trato com o ensino na modalidade remota são inúmeras e tudo isso veio à tona nesse contexto pandêmico, por isso, as mazelas se evidenciaram e continuarão se perpetuando, se não houver o devido investimento. Pois, de acordo com os dados do IBGE (2018, p.10) os motivos da não utilização da internet são,

[...] não saber usar a Internet e falta de interesse em acessar a Internet, que abrangeram, respectivamente, 38,5% e 36,7% das 54 767 mil pessoas que não utilizaram a Internet nesse período de referência em 2017. O serviço de acesso à Internet era caro, foi o motivo seguinte,

indicado por 13,7% das pessoas que não utilizaram a Internet. Os demais motivos ficaram abaixo de 5%.

A partir disso, IBGE (2018, p.10) traz um comparativo em relação ao acesso nas áreas urbana e rural:

O confronto entre os resultados das áreas urbana e rural mostrou diferenças importantes. No País, em 2017, o percentual de pessoas cujo motivo foi o de não saber usar a Internet da área urbana (38,5%) ficou praticamente igual ao da rural (38,6%). Entretanto, o percentual de pessoas que indicaram falta de interesse em acessar a Internet da área urbana (39,7%) apresentou diferença acentuada em relação ao da área rural (29,3%). O serviço de acesso à Internet não estava disponível nos locais que costumavam frequentar foi o motivo indicado por 12,9% das pessoas que não utilizaram esta rede na área rural, em marcante contraste com o reduzido resultado da área urbana (1,7%).

Em vista disso, é notório que os alunos de escola pública enfrentam inúmeras barreiras para conseguir ter acesso à educação e nesse contexto do ensino remoto, os dados do IBGE (2018) explicitam que a falta de acesso à internet é uma realidade circundante e quando se faz um comparativo em relação a alunos de zona urbana x alunos de zona rural e situação se agrava ainda mais, por isso, para além de investimento na educação, os professores têm mais um desafio em suas mãos, que é o de contornar através de suas práticas pedagógicas o provimento do ensino e organização de materiais e métodos para que os alunos em sua maioria não fiquem ainda mais excluídos do processo de acesso à educação. Por isso, Franco (2016, p. 541) concebe a prática pedagógica como:

As práticas pedagógicas se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas/requeridas por uma dada comunidade social. Nesse sentido, elas enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociações e deliberações com um coletivo. Ou seja, as práticas pedagógicas se organizam e se desenvolvem por adesão, por negociação, ou, ainda, por imposição.

Isto posto, se nota que o desafio do professor, em especial, o de História, visto que, têm sido árdua a função de educar nesse modelo de ensino remoto. Por isso, é

imprescindível que os alunos possam perceber as injustiças sociais que sofrem e saibam se posicionar criticamente como propõe o ensino de História, visto que, essa disciplina busca desvelar as dinâmicas sociais dentre do recorte entre passado, presente e futuro e ao se olhar para frente o que se busca são avanços, não retrocessos. De acordo Mascarenhas e Franco (2020, p. 4), o ensino deve proporcionar ativação do senso crítico, pois, “[...] a verdadeira aprendizagem, produz uma reconfiguração nos modos e meios de olhar, sentir e compreender o mundo”.

Sendo assim, os professores de História possuem papel importantíssimo nessa condução da reflexão sobre os entraves político-sociais que se levantaram nesse contexto pandêmico. Por isso, se faz necessário investimentos na educação, para que os aprendizados sejam reais e para todos, assim, as metodologias devem ser pensadas para agregar esses alunos e desse modo é possível garantir seus direitos, pois, de acordo com a Constituição Federal Brasileira (1988), lei magna do país, “a educação é um direito de todos (...)” (BRASIL, 2016, p.123), isso inclui que todos os públicos tanto, crianças, quanto adolescentes, jovens e adultos tem o direito de estar inserido em um ambiente de ensino e aprendizagem formal, estando na idade certa ou fora da idade educacional, estabelecendo a educação como um direito inalienável.

E para poder auxiliar os alunos nos seus processos formativos, o professor precisa estar ainda mais preparado para cumprir as várias demandas que surgem, ocasionado assim o aumento da sua carga horária e conseqüentemente exaustão. Conforme (Pretto;Bonilla;Paula, 2020,p. 4):

Com a pandemia, esse processo de precarização da Educação pública ganha força, ao ser incorporado pelo governo, como solução para a dificuldade de oferta presencial, ao promover a substituição das atividades presenciais por atividades a distância, utilizando recursos e metodologias da Educação a Distância (EAD).

Nem sempre o profissional de educação tem facilidade ou sabe manusear os recursos tecnológicos então os desdobramentos têm sido muitos para primeiro aprender e em seguida ensinar aos alunos. Por isso, as dificuldades que ambas as partes têm enfrentados são inúmeras, mas, a que mais tem distanciado os alunos ao acessos as aulas remotas é a falta de acesso à internet.

4 POSSIBILIDADES E LIMITES DO ENSINO NA MODALIDADE REMOTA: DA TEORIA À PRÁTICA

O ensino remoto tem sido a única possibilidade para a continuidade das aulas, visto que, o contexto pandêmico perfaz ainda uma triste realidade. Em vista disso, os educadores estão imersos em demandas gigantescas que vão desde preparar aulas que possam contemplar ao máximo as especificidades dos alunos; tem ainda que se ambientar com os aplicativos que dão suporte ao ensino, com isso, há a ampliação da carga horária, soma-se a tudo isso, os déficits que cada aluno possui, falta de acesso à internet, falta de suporte familiar e até mesmo falta de recursos para adquirir um celular para acompanhar as aulas e tarefas. Isto posto, é inegável que os tempos que vivenciamos são áridos, mas a educação é a janela que possibilita olhar o mundo com esperança, apesar de todos os percalços.

Pois, por causa de tantos negligenciamentos em relação à educação, esse momento pandêmico tem escancarado as ausências e dificuldades que tanto os professores quanto os alunos enfrentam há anos e nunca teve a devida atenção por parte do governo. Se sabe que o investimento em educação é essencial para que todos os indivíduos sejam assistidos como garante a constituição de 1988.

Uma vez que, de acordo com Freire (2020 [1968], p. 89) “[...] a Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Em vista disso, a inclusão cibercultural é imprescindível para que os docentes tenham a possibilidade de ampliarem suas práticas, métodos e técnicas de ensino, por isso, se faz necessário o amparo aos docentes quanto as questões do manuseio de suportes tecnológicos do ensino, como aponta Santos (2017, p. 2):

Para que o potencial comunicacional e interativo das tecnologias digitais em rede não seja subutilizado em educação é necessário um investimento epistemológico e metodológico em práticas pedagógicas, de ações docentes e de pesquisa que apresentem conceitos e dispositivos que dialoguem com o potencial sócio-técnico da cibercultura. Assim, é importante que no exercício da pesquisa e da formação docente vivenciemos experiências formativas que agreguem o potencial comunicacional das tecnologias com a implicação metodológica e epistemológica das práticas educacionais.

Em consonância com Freire (2002, p. 68) compreendemos que “o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

4.1 EXPERIÊNCIAS DO ENSINO REMOTO NA DISCIPLINA HISTÓRIA: O IDEAL X O REAL

Esse tópico fará uma discussão em torno do questionário e os dados coletados. Com isso, buscamos refletir sobre como está sendo desenvolvido o ensino remoto na disciplina História no Ensino Fundamental II a partir da experiência de alguns professores do recôncavo baiano, bem como o alcance dessa modalidade de ensino em relação aos alunos que não possuem acesso à internet, por exemplo.

Ao serem questionados a respeito da metodologia de ensino que mais utilizam os percentuais foram: Aulas explicativas/expositivas com o auxílio de livro didático 12,5%; Aulas explicativas/expositivas com auxílio de filmes, vídeos, documentários 81,3%; Aulas explicativas/expositivas ou debates 6,3%. A partir disso, se nota que a metodologia elegida pelos professores para mediar o ensino são as aulas explicativas/expositivas a partir dos recursos filmes, vídeos e documentários, nesse contexto pandêmico o uso do recurso vídeo pode ser o mais oportuno por muitas vezes ser objetivo, informativo e prático, isso não significa dizer que todos os alunos são contemplados, pois, por conta de acesso à internet deficitária ou até mesmo a ausência total dela, o único recurso que os profissionais de educação tem encontrado é o envio de blocos e módulos com atividades impressas para que nenhum alguma fique excluído do processo de ensino aprendizagem.

Em relação ao reconhecimento da importância da utilização das ferramentas tecnológicas como metodologia de ensino, as respostas foram: Sim 62,5%; Às vezes 6,3%; Sim, porém, nem sempre é fácil utilizá-las 31,3%, ou seja, a maioria dos professores concorda com o uso de ferramentas tecnológicas, enquanto, 31,3% reconhece a relevância, porém, avalia as dificuldades provenientes desse acesso.

No que diz respeito a facilidade do manuseio de recursos tecnológicos os entrevistados, foi colhido o seguinte quantitativo: no total de 37,5% afirmaram ter facilidade ao manusear recursos tecnológicos; o percentual de 6,3% sentem

dificuldades; enquanto que 31,3% afirmaram que às vezes sentem dificuldades; e 25% relatam que frequentemente encontram empecilhos, com isso, se nota que há enormes impasses quanto ao uso de recursos tecnológicos, esse problema poderia ser atenuado através de formação continuada propiciada pela escola para aprender a manusear as plataformas.

Os dados dessa questão mostram que mesmo que 62,5% dos entrevistados tenham afirmado que teve formação continuada na escola onde atuam, não foi o suficiente para sanar as dúvidas e 37,5% não participaram de formações continuadas. Isto posto, é imprescindível que haja um maior suporte para que os profissionais de educação possam atuar com autonomia.

Com relação à garantia da aprendizagem nesse contexto pandêmico, 68,8% acreditam a maioria dos alunos por não terem acesso à internet são prejudicados, infelizmente, 18,8% acreditam que não foi assegurada de maneira alguma, e 6,3% acreditam que sim ou talvez a aprendizagem tenha sido assegurada. Porém, uma maioria expressiva demonstra a problemática da falta de acesso à internet como impedimento da asseguarção de aprendizagem a maioria dos alunos e isso é preocupante, evidencia assim que as desigualdades sociais refletem no contexto cognitivo.

Em relação às dificuldades diárias encontradas na utilização desses instrumentos tecnológicos, no contexto de aulas remotas, 18,8% destacou que não possui dificuldades, 6,3% afirmam que as dificuldades são poucas, como, por exemplo a de publicar atividades, 25% dos entrevistados consideram que possuem falta de habilidade ou conhecimento para acessar as plataformas que estão sendo utilizadas como suporte de ensino, a exemplo de Google Meet, Google Classroom entre outras e uma maioria expressiva de 50% destaca que, a falta de equipamentos pessoais como: notebook, computador e celular produz muitos entraves que vão desde a preparação até a realização das aulas.

Por isso, se fez necessário levantar o seguinte questionamento: Para você o aluno aprende o conteúdo teórico com mais facilidade de que forma? E as respostas foram que 25% aprendem através de aulas expositivas/explicativas, já 75% aprendem através de filmes, vídeos, imagens e documentários que complementam o conteúdo teórico. Essas respostas nos possibilita compreender que os docentes estão numa perspectiva de ensino mais crítica, pois, não elegem apenas a aula explicativa e esse movimento que tem se desenhado possibilita uma aprendizagem significativa.

O questionamento seguinte foi: Para você, em sua prática docente, é importante associar o conteúdo teórico expresso através de aulas explicativas, juntamente com vídeos filmes, documentários ou imagens? 50% responderam que sim, 43,8% afirmaram que, sim, porém, nem sempre é possível enquanto a minoria 6,3% respondeu que depende do conteúdo a ser trabalhado. Nesse sentido, se percebe que a maioria dos professores(as) estão inovando em suas metodologias para que o alcance seja maior, pois, quanto mais pensar em como o aluno aprende, possivelmente seu desempenho será melhorado. Por isso, de acordo com Franco (2016, p.14):

As práticas pedagógicas incluem desde o planejamento e a sistematização da dinâmica dos processos de aprendizagem até a caminhada no meio de processos que ocorrem para além da aprendizagem, de forma a garantir o ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais para aquele estágio de formação do aluno, e, por meio desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores construídos em outros espaços educativos. O professor, em sua prática pedagogicamente estruturada, deverá saber recolher, como ingredientes do ensino, essas aprendizagens de outras fontes, de outros mundos, de outras lógicas, para incorporá-las na qualidade de seu processo de ensino e na ampliação daquilo que se reputa necessário para o momento pedagógico do aluno.

Em se tratando do auto avaliação dos(das) professores(as), a pergunta foi: Você já observou o grau de motivação do aluno ao assistir suas aulas com metodologia explicativa/expositiva com o auxílio das ferramentas tecnológicas? E 50% observa o nível de motivação dos alunos, 37,5% diz que sempre observo, enquanto que 12,5 observa às vezes. Nesse sentido, é imprescindível destacar que o processo de auto avaliação deve ser contínuo para que nas aulas de História o aluno tenha a possibilidade de desenvolver seu senso crítico para no futuro se tornar um indivíduo participativo na sociedade a qual pertence, assim consideramos que durante a pandemia se faz necessário que os recursos que devem subsidiar as aulas, devem ser muito bem selecionados para aproximar os alunos, não afastá-los.

Nessa linha, questionamos aos entrevistados como eles avaliam a motivação e aprendizado dos alunos ao usar recursos tecnológicos, a partir disso, 43,8% afirmaram que a utilização das ferramentas tecnológicas propicia maiores discussões acerca do conteúdo em sala de aula, por outro lado, 31,3% consideram que, as

ferramentas tecnológicas são apenas um auxílio para facilitar o trabalho do professor, a motivação depende do aluno, já 25% acreditam que, os alunos demonstram mais participação nas aulas, pois, eleva seu grau de motivação, conseqüentemente nas avaliações tiram melhores notas. Em vista disso, é notório que a utilização de recursos tecnológicos pode possibilitar enormes avanços para os alunos, pois, possibilitam a interação e o contato com o lúdico.

A utilização dos recursos tecnológicos de modo geral apontam para um melhor desempenho por parte dos alunos, por isso, a questão seguinte foi: Para você, o uso em demasia em aulas com o auxílio de filmes, vídeos, imagens ou documentários pode desmotivar o aluno? 75% destacaram que, depende da associação que o professor faz em relação ao conteúdo trabalhado, 12,5% acredita que não haverá prejuízos, pois, os alunos gostam de assistir filmes, vídeos ou documentários, 6,3% considera que prejudica, visto que, as aulas podem se tornar cansativas e 6,5% considera que às vezes pode atrapalhar, pois, depende do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula. Com isso, se nota que os recursos tecnológicos quando bem utilizados, podem alavancar a aprendizagem dos alunos.

Após, meses na modalidade de ensino remoto, se faz necessário saber como eles avaliam o nível de aprendizagem dos alunos e os resultados foram os seguintes: 68,8% avalia como regular o desempenho dos alunos, houve um empate de 12,5% que consideram como bom/ruim o desenvolvimento dos alunos e somente 6,3% avaliam como ótimo o desempenho dos alunos, a partir disso, se percebe o contraste de 68,8% considerando regular x 6,3%, assim, é notório que as disparidades são muitas que vão desde a dificuldade de manuseio a recurso tecnológicos, falta de acesso à internet, falta de recursos financeiros, problemáticas essas que dificultam muito o acesso à educação. Os motivos que levam ao mau desempenho dos alunos de acordo com Lagares (2020, p.4) são,

[...] particularidades de um mesmo cenário na educação [...], fervilham questões que têm sido discutidas historicamente pelo campo democrático popular que, ao nosso ver, são centrais e podem gerar efeitos mais perversos para uns que para outros. Dentre elas, talvez a maior diga respeito às fortes desigualdades educacionais [e sociais], estando a classe popular 'jogada a própria sorte' no que diz respeito ao direito à educação. O mais provável é, então, que o distanciamento temporal em relação à escola fortaleça tais desigualdades entre os alunos das diferentes classes sociais ou até eleve as taxas de abandono e evasão da classe popular. É preciso, pois, retomar a

defesa do direito à educação universal e de qualidade, para cidadania e democracia efetivas.

Por isso, quando questionados a respeito do grau de satisfação com o formato de ensino remoto, 43,8% se sentem insatisfeitos(as), 31,3% estão satisfeitos(as) e 25% não têm uma opinião formada sobre essa nova experiência. Assim, fica nítido que ainda há muitos entraves a serem enfrentados para que uma maioria expressiva se sinta contemplado no processo de ensino-aprendizagem mediado pelas ferramentas tecnológicas, insta salientar, que essa modalidade de ensino é a única opção que se tem no momento, por conta do contexto da COVID-19, entretanto, muito precisa ser feito por parte do governo para que tanto os alunos quanto os professores não permaneçam em desvantagem.

Isto posto, os dados da pesquisa denunciam a triste realidade de evasão escolar nesse contexto pandêmico, visto que, 93,8% dos entrevistados destacam que houve evasão escolar de maneira massiva e uma minoria de 6,3% afirma que não houve evasão. Esses dados demonstram claramente que os tempos que vivenciamos são sombrios e a educação, infelizmente, não está acessível a todos, corroborando com isso, o estudo “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar, publicado em janeiro de 2021 pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância (Unicef)³ estima-se que aproximadamente 4,1 milhões de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos tiveram dificuldade de acesso ao ensino remoto em 2020. E que cerca de 1,3 milhão abandonou a escola. Por isso, é deplorável perceber que tanto ao nível local quanto ao nível nacional a evasão escolar é uma realidade preponderante, ainda de acordo com a Unicef (2021, p.47) “[...] estima-se que mais de 5,5 milhões de crianças e adolescentes tiveram seu direito à educação negado em 2020.

No que se refere a carga horária, 56,3% dos entrevistados afirmaram que permaneceu igual sua carga de trabalho, enquanto que 43,8% afirmam que houve ampliação. No que tange as dificuldades que se impõe ao trabalho docente nesse contexto pandêmico, os entrevistados listaram as seguintes questões: A maior dificuldade foi o uso de ferramentas tecnológicas; Carga de trabalho excessiva -

³ Dados da evasão escolar Unicef (2021), disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/12566/file/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar.pdf>, acesso em: 20 Maio.2021.

Exigências que vão além da produção e aplicação das aulas - Falta de interesse de parte dos alunos - Falta de apoio dos órgãos responsáveis pela condução do processo; O contato físico com os alunos, o tempo reduzido das aulas; Dificultou o acompanhamento das atividades e da aprendizagem e Exclusão social, econômica e tecnológica. Segundo os entrevistados esses quesitos trouxeram empecilhos para um bom desenvolvimento das aulas remotas.

É imperioso dizer que além das dificuldades de acesso às ferramentas tecnológicas a carga excessiva de trabalho comprometeu o tempo, a saúde e o psicológico de muitos(as) professores(as), visto que, além de preparar aulas, agora é necessário saber manusear recursos digitais, gravar vídeos, produzir inúmeros relatórios, enviar links das aulas, fazer tudo ao mesmo tempo, em que tem que resolver as demandas do seu ambiente doméstico e social, afinal, é tarefa do professor(a) oferecer um ensino de qualidade, mas, será que esses profissionais recebem treinamentos para subsidiar todas as demandas que o ensino remoto solicita? Felizmente nessa, pesquisa 62,5% dos entrevistados afirmaram que tiveram formação continuada na escola onde atuam, entretanto, muito ainda precisa ser feito para que todos os professores(as) tenham o acompanhamento necessário afim de dinamizar suas práticas e como isso possibilitar a redução da carga horária. Por isso, Cordeiro (2020, p.10) afirma que,

[...] nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender. Não obstante, esse tem sido um caminho que apesar de árduo, é essencial realizar na atual situação da educação brasileira.

Por fim, ao serem questionados sobre os principais desafios que eles encontram/encontram para lecionar os conteúdos de História nesse contexto de ensino remoto, as respostas mais recorrentes foram as seguintes: O desafio maior foi produzir vídeos explicando os conteúdos; Maior participação da família; Falta de respeito por parte das famílias durante as aulas; Desânimo dos alunos; Pender a atenção do aluno; Falta de prática no manuseio das ferramentas tecnológicas; Assegurar participação dos alunos em meio a tantas adversidades; Muitos/as alunos/as usam o celular da mãe ou de outra pessoa da família e oscilação da

conexão com a internet e o principal problema é a exclusão da maioria que só resta o caderno de atividades para responder.

Em vista, de tudo isso é imprescindível que haja adequações na modalidade de ensino remoto, para que, tanto professores quanto alunos sejam beneficiados, pois, os viés são diferentes, mas o desgaste pode ser o mesmo, visto que, quando o aluno não tem um celular ou não tem acesso à internet ele está sendo extremamente prejudicado, por outro lado, se os professores não tiver a possibilidade de participarem de formações continuadas ou continuarem sobrecarregados haverá estagnação também, nesse sentido, tanto o professor quanto o aluno necessitam de um olhar mais atento por parte do governo, para que haja um equilíbrio, se é que isso é possível nesse contexto de ensino remoto, ocasionado pela propagação do vírus da COVID-19. Assim, conforme Mascarenhas e Franco (2020, p.4) “[...] A pandemia trouxe à tona algo que estava sendo invisibilizado: a forma inadequada e desprezível que a escola, especialmente a pública, tem sido tratada em detrimento de sua especificidade, em prol do mercado da educação”.

Depreendemos a partir de Mascarenhas e Franco (2020) que o ataque à educação e a tentativa de desmonte da escola pública é real e extremamente perigoso e esse movimento de ataques têm sido desenhado há um bom tempo, visto que, com as recorrentes alterações da BNCC, houve a redução da carga horária de algumas disciplinas imprescindíveis para a formação de um pensamento emancipador, mas, especificamente a disciplina História, que possibilita reflexões e desenvolvimento do sendo crítico, a partir de recortes entre passado, presente e futuro e têm paulatinamente sofrido cortes e ataques, justamente porque ela possibilita aos alunos se reconhecerem como seres políticos, pois, o que na maioria das vezes o governo almeja é uma sociedade acrítica e submissa. De acordo com (CALIL, 2015, p.40):

Em um debate que se concentra exclusivamente nos componentes curriculares não há espaço para discutir os problemas cotidianos vividos no ambiente escolar e que são razão fundamental dos resultados insatisfatórios: corte de recursos, precarização do trabalho docente, baixos salários, fechamento de turmas e aumento do número de estudantes por turma, ausência efetivas de políticas de permanência dos estudantes, carência de estrutura e equipamentos, etc.

Por isso, se não é dado ao aluno a possibilidade de se ampliar seu conhecimento histórico, há nesse caso uma ruptura com os direitos fundamentais de todos os indivíduos que é de ter acesso a uma educação de qualidade, por isso, é imprescindível, por isso, de acordo com Moreno (2016, p.17) “evitar um trabalho de informações efêmeras nas escolas, em favor de uma aprendizagem significativa, temos que ter uma base que se atenha aos fundamentos do saber e da aprendizagem histórica”.

E infelizmente é o que vemos na mídia, a tentativa convencer que o ensino tecnológico é o que há de melhor, ou seja, o objetivo não é que sejam formados cidadãos críticos, atuantes, reflexivos e sim, operários, servis e sem perspectivas, para que dessa forma o poder sempre permaneçam nas mãos da elite, pois, conforme Mendes (2020, p.122),

[...] cada vez mais, a lógica de mercado tem sido aplicada no campo educacional brasileiro, de modo que a escola tem sido vista como uma empresa a serviço de uma sociedade de consumo. Nesta lógica, tem havido um esforço para que a escola priorize valores como técnica, performance e resultados. Assim, não chega a causar espanto que entre as competências gerais da BNCC figurem preceitos próprios da visão de mundo neoliberal tais como, o agir individualmente com autonomia, flexibilidade e resiliência.

Por isso, é que urge um aprimoramento no ensino remoto para que alunos e professores não continuem sendo vítimas da perversidade arquitetada friamente pelo governo. Sejamos resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, se nota que os principais entraves encontrados pelos professores de História para mediar o ensino é, sem dúvidas: a evasão escolar, a falta de acesso à internet e a falta de uma suporte maior aos professores que tem dificuldades para o acesso a ferramentas tecnológicas. De acordo com as determinações do parecer CNE/CP n.º 05/2020 os grupos de WhatsApp, aplicativos, bibliotecas virtuais e distribuição de materiais didáticos devem ser algumas das estratégias usadas Brasil afora para manter o vínculo entre os alunos da educação básica com suas escolas durante o período de suspensão das atividades presenciais em razão da pandemia.

Contudo, não é o suficiente para atenuar as lacunas existentes no ensino nas escolas públicas e isso é somente um retrato do que acontece há muitos anos e foi escancarado nesse momento pandêmico.

Foi nítido que os profissionais que participaram dessa pesquisa, se sentem angustiados e empenhados para que as dificuldades sejam sanadas, no entanto, isso faz parte de uma dívida histórica que acaba por afetar o andamento do ensino básico no Brasil, mesmo assim, por iniciativa própria os(as) professores(as), pensam e executam diversas ações que servem de bons exemplos para driblar alguns dos desafios do ensino remoto, como, por exemplo, entregar os blocos de atividades na casa dos alunos, mesmo que com tempo reduzido buscam a melhor forma de contemplar cada aluno, no entanto, o professor sozinho não tem como resolver todas as problemáticas que se apresentam, mas, sem ele nada seria possível.

Por isso, é imprescindível o apoio dos gestores, dos pais e do governo para que a educação nesse contexto remoto não sejam estagnados, pois, os dados dessa pesquisa revelam que o desempenho de 68,8% dos alunos têm sido regular e esse resultado demonstra a urgência em investimentos em educação, que tem sido extremamente escassos, por conta do boicote à educação e soma-se se a isso a realidade da maioria das famílias brasileiras que são de baixa renda e infelizmente não conseguem acompanhar as demandas do ensino remoto, por isso, esse “novo normal” é intrinsecamente complexo. Pois, de acordo com Mascarenhas e Franco (2020, p.5):

[...] No contexto operacional, a atividade não presencial pelas mídias digitais invisibiliza a realidade das famílias de baixa renda, as quais, em sua maioria, possuem reduzido acesso a dados móveis e números insuficientes de aparelhos, protagonizando um empecilho na continuidade das aulas, que por vezes ocorrem concomitantemente com outras demandas trabalhistas[...].

Por isso, é necessário observar as especificidades de cada família, pois, as demandas pessoais e familiares perfazem a experiência do aluno e acaba por afetar de maneira positiva ou negativa seu processo de aprendizagem. Todavia, não cabe somente a escola, aos gestores e aos professores, se faz necessário o amparo principalmente dos representantes que estão à frente da pasta da educação para que o ensino possa ser assegurado de alguma maneira.

Visto que, se nota que o desamparo em relação aos alunos e aos docentes está nítido e isso representa o pedido de socorro que há décadas tem sido negligenciado e nesse momento político o desgoverno está ainda mais evidente. E como nos diz Freire (2002, p.30) “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Portanto, mesmo que a educação esteja imersa em tempos sombrios, ainda assim, se faz necessário que ela possibilite para educadores e educandos uma chama de esperança para que dias melhores se apresentem, afinal, como afirma o celebre Paulo Freire “educar é antes de tudo um ato político”.

REFERÊNCIAS

BRASIL (1996). **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm, acesso em: 05 jun.2021.

_____. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 Maio de 2021.

_____. Conselho Pleno/Conselho Nacional de Educação. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. **PARECER CNE/CP Nº: 5/2020**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192, acesso em: 20 jan.2021.

_____. IBGE. (2018) PNAD – **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2017**. Brasília: IBGE.

CALIL, Gilberto. Uma história para o conformismo e a exaltação patriótica: crítica à proposta de BNCC /História. **Revista Giramundo**, Rio de Janeiro, V. 2, N . 4, P. 3 9 - 4 6, Jul. / Dez. 2015.

CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO. **Geração perdida? A culpa não é da pandemia**, 2021. Disponível em: <https://campanha.org.br/analises/fernando-cassio/geracao-perdida-culpa-nao-e-da-pandemia/> acesso em: 06 jun.2021.

CATÃO, Francisco. **A pedagogia ética**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

CETIC (2018a). **Pesquisa TIC Domicílios 2018**. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Acesso em: 17 maio 2021.

CORDEIRO, K. M. A. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020. Disponível em: <http://oscardien.myoscar.fr/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO.pdf>. Acesso em: 19 Maio.2020.

COSTA, Renata. **Lições do Corona vírus: Ensino remoto emergencial não é ead. Desafios da Educação**. 02.04.2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-ensino-remoto>> Acesso em: 02 maio 2021.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. – 3.ed. São Paulo, Atlas, 2009.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, Dec. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 22 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

LAGARES; Rosilene. A educação no Tocantins no cenário da pandemia do novo Coronavírus: desvelamento de desigualdades. **Revista Educação Básica em Foco**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://educacaobasicaemfoco.net.br/NumeroAtual/Artigos/AEducacao-no-Tocantins-no-cenario-de-pandemia-Rosilene-Lagares.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

MASCARENHAS, Aline Daiane Nunes; FRANCO, Amélia do Rosário Santoro. **REFLEXÕES PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: ANÁLISE DO PARECER 05/2020**. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v.23, p. 1-6, e-2020.16011.209209226562.0614,2020. Disponível em: <<http://www.uepg.br/olhardeprofessor>>, acesso em: 15 Maio.2021.

MENDES, Breno. Ensino de história, historiografia e currículo de história. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, n. 18,p.(01-21), abr. 2020.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORENO, Jean Carlos. História na Base Nacional Comum Curricular: *déjà vu* e novos dilemas no século XXI. **Revista História & Ensino**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 07-27, jan./jun. 2016.

MOSER, C. A., e KALTON, G. **Survey Methods in Social Investigation**, 2ª Ed., Londres: Heinemann, 1971.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; PAULA, Ivânia.
Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Salvador: Edição do autor, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.

SANTOS, Edméa. Educação online como dispositivo na ciberpesquisa-formação.
Revista Tecnologias na Educação: Tecnologias na Educação, v. 20, p. 1-9, out. 2017. Disponível em: <http://tecedu.pro.br/ano9-numerovol20-edicao-tematica-iv/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SEDUC. Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas.
Projeto Aula em Casa. Disponível em: < <http://www.educacao.am.gov.br/aula-em-casa/>>. Acesso em: 17 maio 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

UNESCO. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/12566/file/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar.pdf>, acesso em: 20 Maio.2021.